

Desporto em Tempo de Guerra: os Jogos Interaliados

Rita Nunes

Diretora do Gabinete de Estudos e Projetos do Comité Olímpico de Portugal e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL.

Doutoranda em História Contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Estudos Olímpicos pela University of Peloponnese (Grécia) e Licenciada em Ciências do Desporto – Gestão do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Resumo

A 11 de setembro de 1914 partiram de Lisboa as primeiras expedições militares portuguesas, com destino a Angola e a Moçambique. Seria contudo a declaração de guerra da Alemanha a Portugal a 9 de março de 1916 que iria provocar a mobilização do desporto nacional a favor do esforço de guerra. Logo no primeiro contingente do Corpo Expedicionário Português (CEP), que partiu de Lisboa a 26 de janeiro de 1917 com destino à Flandres foi possível identificar a presença de atletas portugueses de renome.

A prática desportiva fez parte do quotidiano do CEP durante a sua permanência em França. Após a assinatura do Armistício a 11 de novembro de 1918 o principal objetivo dos soldados mobilizados era o regresso a casa. No entanto, a desmobilização das tropas não foi imediata. Para alguns destes soldados o regresso a casa demorou vários anos. Foi a pensar nestes homens que ainda se encontravam na Europa que, dois meses após o final da Grande Guerra, se iniciou a organização dos Jogos Interaliados.

Abstract

Sports in a Time of War: The Inter-Allied Games

In September 11, 1914, the first Portuguese military expeditions left Lisbon to fight in Angola and Mozambique. It would be however Germany's declaration of war to Portugal on March 9, 1916 which caused the mobilization of national sport in favor of the war effort. On the first contingent of Portuguese Expeditionary Corps (CEP), which left Lisbon on 26 January 1917 to Flanders was possible to identify the presence of renowned Portuguese athletes.

Sport were part of CEP's daily life during their stay in France. After the signing of the Armistice on November 11, 1918 the main objective of the mobilized soldiers was to return home. However, the demobilization of troops was not immediate. For many soldiers returning home took several years. It was with these man in mind that the Inter-Allied Games were organized.

A Organização Desportiva Portuguesa nas Vésperas da I Guerra Mundial

No final do século XIX, quando um pouco por toda a Europa o desporto se tinha começado a “massificar”, a atividade desportiva em Portugal continuava circunscrita apenas a algumas camadas da população. De uma forma geral, as elites nacionais permaneciam, com honrosas exceções, bastante alheadas dos desenvolvimentos alcançados pelo desporto em Inglaterra ou França.

As instituições desportivas existentes em Portugal, como a Associação Naval de Lisboa (1856), o Real Gimnasio Clube Português (1875), o Clube Fluvial Portuense (1876), o Ginásio Clube Figueirense (1893), eram insuficientes para o papel e as funções que o desporto deveria desempenhar na sociedade.

No início do século XX, surgiram clubes como o Clube Internacional de Futebol (1902), Sport Lisboa e Benfica (1904) e Sporting Clube de Portugal (1906) que trouxeram uma nova dinâmica ao desporto, proporcionando uma melhoria do ponto de vista competitivo e possibilitando a internacionalização de alguns atletas portugueses.

Na fase final do reinado de D. Manuel II foram organizados os primeiros Jogos Olímpicos Nacionais, pela recém-criada Sociedade Promotora de Educação Física Nacional (1909). O objetivo da organização deste evento era despertar o interesse dos portugueses pela prática desportiva e preparar a participação de Portugal nos Jogos Olímpicos, que se iriam realizar em Estocolmo em 1912 (Pinheiro e Nunes, 2012).

Vale a pena sublinhar que seria com a instauração do regime republicano, que a ideia da criação de uma sociedade “regenerada” e de um “homem novo” começou a ganhar visibilidade, defendendo-se como necessária, a introdução da educação física nos programas de ensino escolar. Na verdade, alguns intelectuais portugueses, como o monárquico Ramalho Ortigão, tinham já defendido uma certa estratégia de consolidação da prática desportiva:

“A fisiologia moderna tem mostrado que a saúde não é mais que o justo e perfeito equilíbrio das diferentes forças inerentes ao nosso organismo (...) o exercício regular e metódico de todos os nossos membros e de todos os nossos órgãos é o único meio de manter o equilíbrio (...) A sistematização desse exercício regular e metódico chama-se ginástica” (Ortigão, 1887-1890, p. 952).

Os Jogos Olímpicos Nacionais organizaram-se anualmente até 1914, a terceira edição, realizada em 1912, serviu de prova de seleção dos atletas portugueses que iriam representar Portugal nos Jogos Olímpicos.

Mesmo sem o apoio do Estado foi possível, recorrendo à angariação de fundos através de uma subscrição pública e à organização de alguns certames desportivos, nomeadamente um sarau realizado no Coliseu dos Recreios a 22 de junho de 1912, angariar fundos para apoiar a equipa que iria a Estocolmo. António Pereira, António Stromp, Armando Cortesão, Fernando Correia, Francisco Lázaro e Joaquim Vital foram os primeiros atletas olímpicos portugueses (Pinheiro e Nunes, 2012).

Todo este processo de organização do desporto nacional acabaria por sofrer os impactos da Grande Guerra, perdendo algum dinamismo com a sua eclosão. Recorde-se que os preparativos dos Jogos Olímpicos de 1916, que se deveriam realizar em Berlim, foram interrompidos devido ao início da conflagração europeia.

O Desporto e a Guerra

A relação entre militarismo, socialização e desporto é indissociável. Imagens de perda, dor e heroísmo são símbolos de unidade em momentos de sofrimento. Os campos de batalha e as competições desportivas, de um ponto de vista simbólico, locais onde as demonstrações patrióticas, são legitimadas e que tanto os heróis militares, como os ídolos desportivos são elementos cruciais à construção de uma nação moderna e poderosa, daí que o historiador Eric Hobsbawm tenha denominado o desporto como uma das práticas mais interessantes do século XIX (Hobsbawm e Ranger, 1983, p. 300).

Em Portugal, tal como iria acontecer um pouco por toda a Europa em guerra, logo em 1914 o incentivo à prática desportiva surgiu associado aos debates, transversais à sociedade, relativamente ao papel e posição que Portugal deveria tomar em relação ao conflito europeu.

A imprensa desportiva, com o argumento, de que a qualquer momento o país poderia ser chamado a intervir, saiu em defesa da introdução da educação física e de alguns desportos na preparação militar dos soldados, e na ocupação dos seus tempos de lazer, defendendo-se que um jovem bem preparado fisicamente seria um bom soldado e um melhor cidadão.

Logo a 15 de agosto de 1914 o jornal *O Sport de Lisboa* noticiava o início da guerra na Europa e o envolvimento dos atletas:

“Os maiores vultos mundiais do sport, as figuras mais prestigiosas e conhecidas das lutas desportivas partiram para o teatro mais ativo das lutas. *Foot-ballers* de renome, ciclistas de há dois dias, como Thys, Alavoine, Bussey, esgrimistas, homens de hipismo, atletas e tantos outros para lá foram, com o seu fardamento cor de terra, a sua arma a tiracolo, e o seu sorriso nos lábios. De cá de Portugal mesmo partiram alguns, que evocamos com saudade. E se todo o homem que combate leva para a luta o seu entusiasmo e a sua fé, este, o *sportsman*, leva, além disso, a sua musculatura maleável e dócil, o seu físico robustecido e treinado, e a força disciplinada do seu *sport*, que não são fatores de gratuito desprezo em ações de resistência e esforço corpóreo”¹.

De Lisboa partiriam a 11 de setembro de 1914 as primeiras expedições militares portuguesas, com destino a Angola e a Moçambique. Apesar do clima quente e seco, as tropas foram incentivadas à prática desportiva. No entanto, fisicamente

1 Jornal *O Sport de Lisboa*, 15 de agosto de 1914.

exaustos pelos exercícios militares, foram poucos os soldados a dedicar-se ao exercício físico. Os banhos de mar eram bastante apreciados, assim como os jogos de cartas, mas estes por serem considerados causadores de tensões e rivalidades acabaram por ser proibidos.

Seria contudo a declaração de guerra da Alemanha a Portugal a 9 de março de 1916 que iria provocar a mobilização do desporto nacional a favor do esforço de guerra. Em finais de março, o Ministro da Guerra, Norton de Matos, por intermédio da Federação Portuguesa de Sports, solicitou que:

“Cada sociedade desportiva intensifique a sua ação, chamando um maior número de adeptos à causa que defende, ministrando-lhes, ao mesmo tempo, a instrução dos conhecimentos que a guerra de hoje veio indicar serem imprescindíveis ao homem, para a sua defesa e para a consecução do seu fim”².

Não deixa por isso de ser interessante verificar que o único cartaz de propaganda de guerra de autoria nacional retrate o desporto.

Nele é possível observar num primeiro plano um futebolista e num segundo plano, dois regimentos de tropas em parada ao fundo, um navio de guerra com alguns dos seus tripulantes a dirigirem-se para terra numa pequena barcaça. A figura central do cartaz é o jogador, com um joelho envolto em ligaduras, numa clara alusão aos ferimentos que não o impossibilitavam de jogar, tal como acontecia no quotidiano de guerra onde um soldado, mesmo ferido nunca devia abandonar o combate (Zink, 2007).

O primeiro contingente do Corpo Expedicionário Português (CEP) partiu de Lisboa a 26 de janeiro de 1917 com destino à Flandres. Alguns atletas portugueses, como o então campeão de pesos e halteres, Álvaro Costa, e o atirador António Augusto Martins integraram o CEP.

Os jornais desportivos iam acompanhando e dando a conhecer ao público os seus desempenhos na frente, como se de uma competição se tratasse³.

O Desporto em Cenário de Guerra

A prática desportiva fez parte do quotidiano do CEP durante a sua permanência em França. Estas atividades, organizadas entre os militares dos exércitos aliados, ou apenas entre as tropas do CEP eram momentos de descontração, indispensáveis à boa moral dos militares e ao êxito das operações.

Para além de alguns jogos de futebol e provas de atletismo, os concursos militares e desportivos tinham grande destaque. Nestes concursos era possível encontrar uma parte predominantemente militar e outra de carácter desportivo, onde sargen-

2 Jornal *O Sport de Lisboa*, 1 de abril de 1916.

3 Jornal *O Desporto*, 9 de agosto de 1917.

tos, cabos e soldados exaltavam as suas capacidades físicas, dando o seu melhor para ver o seu batalhão vencer.

A 25 de outubro de 1917 foi organizado um concurso militar e desportivo entre as tropas de infantaria do CEP no Campo Central de Instrução em Marthes. Do programa fizeram parte provas militares de utilização de baioneta, granadeiros de mão e de espingarda, metralhadoras ligeiras, tiro elementar e as provas desportivas, do jogo do pau, luta de tração e corridas de velocidade⁴. As tropas disputaram uma Taça de Honra, oferecida pelo Presidente da República, Bernardino Machado⁵.

A 7 de julho de 1918, quando a 2.^a Divisão de combate se encontrava praticamente aniquilada na sequência da batalha de La Lys, e com a 1.^a Divisão desfalcada de homens, as tropas portuguesas voltaram a participar num evento desportivo, desta vez em Colombes, organizado pela *Union des Sociétés Française de Sports Athletiques*. Do programa de provas faziam parte corridas de resistência, saltos em extensão e altura (com e sem impulso), lançamento do peso, corridas de velocidade, combates com baioneta, corridas de estafetas, saltos à vara, lançamento de granadas e do disco. O comandante do CEP, General Tamagnini de Abreu, aproveitou a ocasião para criticar, duramente, a pouca importância dada ao desporto no seio da instituição militar:

“O grande número de concorrentes (perto de 500) e os resultados por eles obtidos nas diferentes provas disputadas foram uma consequência de uma especial atenção que de há muito vem sendo dedicada ao ‘sport’ pelos exércitos aliados.

Infelizmente entre nós pouca ou nenhuma se lhe tem dedicado. Urge porém que se pense a sério no assunto e que à semelhança do que se faz em França, Itália, Bélgica (...) Se organizem no nosso exército centros, à testa dos quais se encontrem oficiais superiores, sendo o seu principal fim estudar e promover por todas as formas de desenvolvimento do ‘sport’ no exército, organizando concursos, despertando o interesse e fazendo criar o gosto por ele”⁶.

Vale a pena ter presente que na reforma republicana do exército, publicada a 26 de maio de 1911, uma das poucas referências à atividade desportiva dizia apenas respeito às funções das escolas de equitação e tiro⁷.

Uma última nota para sublinhar ainda o papel da imprensa desportiva, e a forma como se foi colocando ao serviço do país. Na edição de 14 de setembro de 1918 do

4 Arquivo Histórico Militar (AHM), PT/AHM/DIV/ 1/35/95/85, informação do Chefe Repartição Pires Monteiro sobre o Concurso entre os Batalhões do CEP, 18/9/917.

5 Arquivo Histórico Militar (AHM), PT/AHM/DIV/ 1/35/95/85, ofício do Comandante do CEP dirigido ao First Army H.Q. XI Corps em 21/10/917.

6 Arquivo Histórico Militar (AHM), PT/AHM/DIV/ 1/35/95/85, ofício do Comandante do CEP dirigido ao Diretor da 1.^a Direção Geral da Secretaria da Guerra (4.^a Repartição) e ao Presidente da Comissão Técnica de Infantaria em 28/8/918

7 Organização Geral do Exército, *Diário do Governo*, n.º 122, 1.^a Série, de 26 de maio de 1911.

jornal *O Sport de Lisboa* iniciou uma subscrição nacional para enviar artigos desportivos aos prisioneiros portugueses na Alemanha, para que estes pudessem praticar alguns desportos nos campos onde se encontravam. Paralelamente realizou-se uma subscrição para recolha de fundos para os prisioneiros de guerra⁸.

A Desmobilização e os Jogos Inter-Aliados de 1919

Após a assinatura do Armistício a 11 de novembro de 1918 o principal objetivo dos soldados mobilizados era o regresso a casa. No entanto, a desmobilização das tropas não foi imediata. Para alguns destes soldados o regresso a casa demorou vários anos.

Foi a pensar nestes homens que ainda se encontravam na Europa que, dois meses após o final da Grande Guerra, se iniciou a organização dos Jogos Interaliados.

Sob o comando do General John J. Pershing, comandante das forças norte-americanas na Europa, deu-se início à organização deste Jogos. Em janeiro de 1919 foram enviados convites para a participação às 29 nações que tinham estado no cenário de guerra.

Dezoito nações/Estados/reinos/territórios: Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Cuba, Checoslováquia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Haiti, Hejaz, Honduras, Itália, Japão, Libéria, Montenegro, Nicarágua, Terra Nova, Nova Zelândia, Panamá, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Sérvia, Sião e África do Sul, representantes dos cinco continentes, aceitaram o convite para competirem neste evento dirigido aos militares que tinham participado na Guerra ou que tinham servido as forças militares dos países aliados.

O Comité Consultivo para a organização destes Jogos, constituído por 43 pessoas oriundas de várias organizações e nacionalidades, integrou dois portugueses, o Tenente Mário da Cunha e o Capitão António Mascarenhas de Menezes.

O estádio Pershing, construído especificamente para o efeito pelas forças militares dos Estados Unidos da América em cooperação com a YMCA, foi o palco escolhido para a realização destas provas.

Realizados entre 22 de junho e 6 de julho de 1919, em Joinville, nos subúrbios de Paris, estiveram em prova cerca de 1500 homens que competiram em 24 modalidades, durante 15 dias. De acordo com relatório oficial, Portugal participou com 51 atletas em seis modalidades: boxe, esgrima, natação, polo aquático, remo e tiro.

Na cerimónia de abertura, que recebeu mais de vinte mil pessoas no estádio, as delegações desfilarão frente à tribuna onde os presidentes Woodrow Wilson, dos Estados Unidos da América e Raymond Poincaré de França se encontravam.

8 *Jornal O Sport de Lisboa*, 14 de setembro de 1918.

Tendo em conta o relatório oficial dos Jogos, Portugal desfilou entre a Nova Zelândia e a Roménia. No entanto, de acordo com a imprensa da época, a delegação Portuguesa e a Bandeira Nacional não estiveram presentes:

“No dia da inauguração do *stadium Pershing*, no desfile, nem um só, um só do *sportsmen* portugueses apareceu empunhando a nossa bandeira... Os únicos que não compareceram foram os portugueses”⁹.

Ao nível dos resultados destacam-se os alcançados pela esgrima. O segundo lugar e a respetiva medalha de prata na competição de espada por equipas coube ao Tenente Carlos Gonçalves, ao Major Veiga Ventura, ao Tenente Frederico Paredes, ao Tenente Jorge Paiva, ao Capitão António Mascarenhas e ao Tenente Fernando Farinha. Portugal ganhou os encontros frente à Checoslováquia por 21 pontos a 11, e à Bélgica por 22 a 9. Na final frente à França, Portugal cedeu com 29 pontos marcados e 36 sofridos¹⁰.

Em sabre, a equipa portuguesa constituída pelos Tenente-Coronel Horácio Ferreira, Capitão José S. Dias, Capitão António Sabbo, Coronel Vieira Rocha, Capitão Luiz Oliveira e Capitão Óscar Motta, conquistou a medalha de prata e na vertente individual, em espada, o Tenente Jorge Paiva ganhou igualmente a medalha de prata, o Tenente Frederico Paredes classificou-se em 6.º Lugar e em sabre o Capitão José S. Dias e o Capitão Luiz Oliveira chegaram às meias-finais.

Na modalidade de tiro, na prova de pistola, a equipa portuguesa classificou-se em 4.º lugar e na prova de espingarda no 7.º Lugar. Na competição de boxe o Tenente Silva Ruivo, que combateu com o campeão belga, desistiu no decorrer do 3.º *round*¹¹. Relativamente ao polo aquático é referido no relatório oficial que um atleta português teve um acidente, impedindo a entrada da equipa na competição. No remo a equipa portuguesa de Shell-4 não conseguiu terminar a prova e a de Shell-8 não passou a eliminatória. Na natação, apesar dos registos de inscrições nas diversas provas, não há referência aos resultados alcançados por atletas portugueses.

Após a realização dos Jogos, o estádio Pershing foi oferecido ao povo francês pelos Estados Unidos da América sendo ainda hoje utilizado como uma área de recreação ao ar livre.

Como a Primeira Guerra Mundial se encarregaria de demonstrar, o desporto ajudou a promover a eficiência militar e a elevar o moral dos combatentes.

Independentemente da sua perícia e capacidades atléticas todos os soldados deveriam estar envolvidos. Na verdade, quer a guerra, quer o desporto devem ser entendidos e analisados como forças poderosas, essenciais ao processo de criação

9 Jornal *A Capital*, 4 de julho de 1919.

10 Jornal *A Capital*, 8 de julho de 1919.

11 Jornal *A Capital*, 10 de julho de 1919.

de comunidades imaginadas; soldados e atletas são elementos cruciais que nos ajudam a perceber o sucesso de um Estado, como seria demonstrado, de resto, pela ascensão dos EUA como primeira potência mundial, no pós-guerra.

Referências

Fontes Primárias

Arquivo Histórico Militar (A.H.M.)

Documentação dos Órgãos de Soberania

Diário do Governo (1909 a 1974)

Relatórios

The Inter-Allied Games Official Report, Committee Games, 1919. Disponível em <https://archive.org/details/cu31924014114353>, acessado em fevereiro de 2015.

Publicações Periódicas

Capital (A)

Desporto (O)

Sports de Lisboa (O)

Bibliografia

Hobsbawm, E.; Ranger, T., ed., 1983. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Nunes, R., 2014. A Batalha dos Estádios. In: *1914-1918 Portugal Durante a Grande Guerra, Visão História* n.º 25, Setembro, pp. 42-43.

Ortigão, R., 1887-1890. *As Farpas. Crônicas de Jornal*. Lisboa: [s.n.t.].

Pinheiro, F.; Nunes, R., 2012. *Os 6 de Estocolmo. A primeira participação Portuguesa nos Jogos Olímpicos*. Coleção História e Desporto. Porto: Edições Afrontamento.

Zink, J. D., 2007. Um cartaz português da I Guerra Mundial: o jogo simbólico num caso emblemático de *marketing* político-militar. *Biblioteca Nacional, Tesouros, Iconografia*. Disponível em <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-cartaz.html> [acessado em 30/08/2014].